

**FATMAGÜL'ÜN SUÇU NE? (QUE CULPA TEM FATMAGUL?): A  
“ROMANTIZAÇÃO” DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA MULHER NO  
BRASIL A PARTIR DA TELENOVELA**

*Eixo Temático 06- Corpo e Gênero na Arte como Potência e Vida em  
Memórias e Ressignificações da Existência*

João Cespedes<sup>1</sup>  
Martin Haerberling<sup>2</sup>  
Orientador: Prof. Renato Duro Dias<sup>3</sup>

**RESUMO**

A presente proposta de trabalho problematizará o tema da colonialidade de gênero e a violência contra a mulher no Brasil a partir de uma análise imagética de telenovela melodramática turca intitulada originalmente como Fatmagül'ün Suçu Ne?, produzida na Turquia e cuja tradução literal para a língua portuguesa significa “Que Culpa tem Fatmagul?”, obra que denuncia a questão global emergente da violência de gênero contra a mulher, entretanto, para exibição no Brasil o título da obra foi alterado para “Fatmagul, a Força do Amor”. Desta forma, o objetivo geral deste trabalho busca entender os reflexos da colonialidade de gênero e a violência gênero contra mulher por meio da teledramaturgia. No que pertine aos objetivos específicos, buscar-se-á compreender os conceitos de colonização, colonialidade de gênero e fatores históricos que foram determinantes no modo como a realidade posta reflete na imposição política, econômica, epistemológica e midiática colonial no Brasil; compreender a relação entre o poder, violência de gênero e as micro-violências contra a mulher; e por fim, analisar as possíveis razões que levaram o veículo televisivo brasileiro a alterar o título original da telenovela (Que Culpa tem Fatmagul?), que se refere à denúncia da violência de gênero contra a mulher, para que fosse exibida com título modificado “Fatmagul, a Força do Amor”. Com o fito de alcançar os objetivos almejados, a metodologia a ser utilizada será a bibliográfica, no qual o

<sup>1</sup> Pesquisador do Laboratório Imagens da Justiça (FURG), Mestrando Uniritter-RS, jcespedes148@gmail.com;

<sup>2</sup> Doutor em Direito, PUC - RS, martin\_haerberlin@uniritter.edu.br;

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutor, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)- RS, renatodurodias@gmail.com.

método de abordagem aplicado será o dedutivo, partindo da análise imagética de telenovela turca melodramática intitulada *Fatmagül'ün Suçu Ne?*, de forma que a pesquisa será produzida em três etapas, que abarcam também algumas das hipóteses trazidas no estudo. A primeira etapa realizará um breve exame na telenovela *Fatmagül'ün Suçu Ne?* (2010), adaptada do livro “*Fatmagül'ün Suçu Ne?*”(1970), do autor Vedat Türkali, cujo objetivo era denunciar a violência contra mulher, o estupro e a impunidade na sociedade turca por meio de uma história real, ganhando os canais de televisão e alcançando sucesso internacional como teledramaturgia, sendo também utilizada com fins comerciais e exportação, motivo pelo qual a telenovela não retrata especificamente a cultura da Turca, de modo que o presente estudo não pormenorizará tais aspectos culturais, abordando a questão global e emergente da violência de gênero contra a mulher. Como segunda etapa, mediante o uso de imagem, teledramaturgia e a reconhecida capacidade das telenovelas em atingirem grande número de telespectadores, transcendendo o entretenimento, adentrando na manifestação artística e cultural, será realizado um diálogo com as imagens da justiça, Direitos Humanos, criminologia, colonialidade, gênero, abarcando as reflexões jurídicas acerca da colonialidade de gênero e a violência contra a mulher no Brasil, que determinou a relação patriarcal e heteronormativa em detrimento do gênero feminino, para então serem examinados os motivos que levaram a romantização ou modificação do título da novela para o público brasileiro. Na terceira etapa, ainda permeado pela análise da telenovela, serão analisadas as condicionantes impostas a imagem da mulher e a relação com a dominação e violência de gênero, bem como a existência de impunidades e micro-violências. Neste arcabouço, questiona-se: como a colonialidade de gênero e a violência contra a mulher no Brasil se refletem por meio da imagem da mulher e teledramaturgia no país? Este estudo se justifica pela importância do tema da decolonialidade e da violência de gênero contra mulher, com vistas a um pensar contra-hegemônico e via de consequência, decolonial, sendo imprescindível também a apropriação de conhecimentos acerca da forma como o poder está estruturado para dominação, exploração e conflito entre atores sociais, uma vez que esta organização, se reflete na estrutura da violência de sexo e/ou gênero e na colonialidade de gênero, para o fim de fomentar processos criativos contraculturalistas em meio às expressões artísticas atuais no cenário brasileiro, tanto na para sua criação, propagação e os impactos aos seus destinatários.

## INTRODUÇÃO

Hodiernamente é reconhecida a capacidade das telenovelas em atingirem um número cada vez maior de telespectadores, configurando-se com um tipo de teledramaturgia que transcende o entretenimento, adentrando na manifestação artística e cultural, pela qual se pode dialogar as imagens da justiça, educação, Direitos Humanos, criminologia, diversidade, inclusão social, colonialidade, gênero, entre outros.

Nesse prisma, a presente proposta de trabalho problematizará o tema da “colonialidade de gênero e a violência contra a mulher no Brasil” a partir de uma análise imagética de telenovela melodramática intitulada “Fatmagül'ün Suçu Ne?”, produzida na Turquia e cuja tradução para a língua portuguesa significa “Que Culpa tem Fatmagul?”, entretanto no Brasil, o título foi readequado para “Fatmagul, a força do amor”, muito embora a trama narre os diversos desafios enfrentados por uma jovem camponesa que foi vítima de estupro coletivo.

A história original tem como base o livro *Fatmagül'ün Suçu Ne?*, do autor Vedat Türkali, cujo objetivo era denunciar a violência de gênero contra mulher na sociedade turca, sendo adaptado para os canais de televisão em 2010 e assim, alcançou sucesso internacional, de forma que, muito embora fictícia e elaborada na Turquia, a telenovela não visa retratar a cultura turca, mas sim, aborda um cenário global e denuncia a questão emergente da violência de gênero contra a mulher, sendo curioso que no Brasil o título da obra foi “romantizado” para “Fatmagul, a força do amor”.

Neste prisma, o objetivo geral deste trabalho busca entender os reflexos da colonialidade de gênero e a violência gênero contra mulher por meio da teledramaturgia. No que pertine aos objetivos específicos, buscar-se-á compreender os conceitos de colonização, colonialidade de gênero e fatores históricos que foram determinantes no modo como a realidade posta reflete na imposição política, econômica, epistemológica e midiática colonial no Brasil; compreender a relação entre o poder, violência de gênero e as micro-violências contra a mulher; e por fim, analisar as possíveis razões que levaram o veículo televisivo brasileiro a alterar o título original da telenovela (*Que Culpa tem Fatmagul?*), que se refere à denúncia da violência de gênero contra a mulher, para que fosse exibida com título modificado “Fatmagul, a Força do Amor”.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

A metodologia a ser utilizada será a bibliográfica, no qual o método de abordagem aplicado será o dedutivo, partindo da análise imagética de telenovela turca melodramática intitulada “Fatmagül'ün Suçu Ne?”, de forma que a pesquisa será produzida em três etapas, que englobam algumas das hipóteses trazidas no estudo.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Mediante o uso de imagem e teledramaturgia é possível potencializar importantes reflexões jurídicas e aprofundar da proposta de tema do presente trabalho de pesquisa, que se refere a “colonialidade de gênero e a violência contra a mulher no Brasil”, denotando-se, desde logo, a sua fundamental importância para fomentar um pensar/agir no caminho decolonial, cujas inquietações têm movido diversos pesquisadores, teóricos e têm sido objeto de debates no âmbito acadêmico, como se infere a partir dos estudos da obra de LEITE; DIAS (2016).

Assim, em análise a obra de LUGONES (2010), é possível vislumbrar os conceitos de colonização e de colonialidade que possibilitam a visualização dos diversos fatores históricos, que foram determinantes no modo como a realidade posta reflete na imposição política, econômica epistemológica, oriundas de um modelo eurocêntrico global se constituiu por meio da colonização, que até mesmo, introduziu as diferenças de gênero, utilizando-se do patriarcado como forma de subordinação e opressão.

Outrossim, tentar contrapor o vigor da colonialidade de gênero, é buscar por suplantar os papéis subalternos historicamente atribuídos ao gênero feminino, que há longa data delimitou um espaço privado e passivo da mulher, até mesmo no caráter sexual e assim, muitas vezes foi legitimada a violência de gênero, gerando a partir desta, outras micro-violências, as quais, serão melhor delineadas quando do aprofundamento das obras de Michel Foucault, acerca do poder e das micro-violências e também a partir da obra “Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda” (2021), de autoria de Rita Segato.

Portanto, bebendo das fontes referidas alhures e também dos escritos de QUIJANO (2002), o pensar contra-hegemônico e via de consequência, decolonial, é imprescindível também a apropriação de conhecimentos acerca da forma como o poder está estruturado seu ponto de contato com as relações de dominação, exploração e conflito entre atores sociais, uma vez que esta organização, se reflete na estrutura da violência de sexo e/ou gênero e na colonialidade de gênero.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Neste ponto, calha destacar que o presente estudo ainda se encontra em caráter embrionário, entretanto, está sendo realizado uma análise acerca da obra objeto da pesquisa, a telenovela *Fatmagül'ün Suçu Ne?* (2010), que fora adaptada do livro “*Fatmagül'ün Suçu Ne?*”(1970), do autor Vedat Türkali, onde é possível aquilatar as condicionantes impostas à mulher, a partir da imagem de fragilidade, subalternidade, vulnerabilidade física ou intelectual, que como forma de dominação, é imposta a diversas formas de violência, não somente o estupro, mas também, a impunidade.

Desta forma, por intermédio das imagens da justiça, Direitos Humanos, criminologia, colonialidade, gênero e por meio delas, serão abordadas as implicações e reflexões jurídicas acerca da colonialidade de gênero e a violência contra a mulher no Brasil, demonstrando a relação patriarcal e heteronormativa em detrimento do gênero feminino e suas possíveis relações com a romantização ou modificação do título original da novela para ser exibida no Brasil.

Por fim, calha destacar que os resultados ainda não propiciam esquematizações analíticas, muito embora, da leitura das obras, por meio do estudo em andamento e dos achados empíricos, já são possíveis diversas reflexões acerca da emergência da questão de violência de gênero contra a mulher no Brasil.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo em vista o cenário atual, é necessário guerrear com fulcro nos Direitos Humanos e Fundamentais para abalar as consolidadas estruturas de pensamento hegemônico, que fomentem reversão da subalternidade, é emancipar e dar voz, tanto às

mulheres, quanto aos demais grupos sociais vulnerabilizados, tais como as pessoas LGBTQIA+, pessoas negras, povos indígenas, quilombolas e tradicionais, migrantes e refugiadas(os), uma vez que também sobre eles recaem as formas de opressão, violência e subalternização da colonialidade.

Assim, com a escolha do tema e seu desenvolvimento, busca-se pelo rompimento hegemônico da colonialidade se coaduna com utilização imagética da teledramaturgia, haja vista que tal prática também visa superar da homogeneização dos saberes, descortinando as narrativas que buscam dar supedâneo às principais formas de opressão, violências, tais como a de gênero, subalternização, e nessa caminhada, buscar meios e ações para suplantá-las.

## REFERÊNCIAS

- WALSH. Catherine. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Buenos Aires: Del Signo. 2006.
- LOSACCO, José Romero (Org.). **Pensar distinto, pensar de(s)colonial**. Caracas, Venezuela: Fundación Editorial El perro y la rana, 2020.
- MIGNOLO, Walter. **Gênero y descolonialidad**. Buenos Aires: Del Signo, 2014.
- QUIJANO, Aníbal. **Des/colonialidad y bine vivir**. Lima, Peru: Editorial Universitarias, 2014.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, globalización y democracia**. Rev. Novos Rumos. Ano 17, Nº 37. 2002.
- OCAÑA, Alexander Ortiz. **Decolonizar la educación**. Pedagogía, Currículo y Didáctica decoloniales. Editorial Academia Española 2017.
- LUGONES, María. **Rumo a um Feminismo Decolonial**. Revista Hypatia. 2010. Disponível em: Acesso em 06 de set. 2021.
- LEITE, Maria Cecília Lorea; DIAS, Renato Duro. **Dálogos entre Imagens, Justiça e Educação Jurídica**. Currículo sem Fronteiras. V. 16, nº 1. 2016. Disponível em . Acesso em 11 de fevereiro de 2022



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

